

Tomos I

RELATÓRIO

O desenvolvimento da luta em Cabo Verde

Reunião de quadros responsáveis

17 e 20 de Julho de 1963

-Dakar-

No dia dezassete de Julho de mil novecentos e sessenta e três, em Dakar, efectuou-se uma reunião de quadros responsáveis do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde a fim de se ocupar do desenvolvimento da luta em Cabo Verde.

Na reunião, que foi presidida pelo Secretário-Geral do PAIGC, camarada Amílcar Cabral, estiveram presentes os camaradas Aristides Pereira e Vasco Cabral, do Secretariado-Geral; Victor Santa Maria e Abílio Duarte, respectivamente, representantes do Partido em Argue e Alger; Tiago Alaluis e Lourenço Gomes, responsáveis vindos do interior; Maria de Luz Beal, José Araujo, Behimio de Almeida e Pedro Pires, do Bureau de Dakar; e Silvío Manuel de Luz, recentemente chegado de Angola.

Abre a sessão o Secretário-Geral que começou por saudar os camaradas presentes lamentando a ausência dos camaradas Luís Cabral, Dulce Almeida, Osvaldo Lopes de Silva e Venâncio Faveres. Definiu a seguir os objectivos dessa reunião afirmando "o Secretariado-Geral convocou a reunião para ser discutida a melhor maneira de resolver os problemas de luta em Cabo Verde. O Partido, unido da Guiné e Cabo Verde, tem feito todas as possíveis para o desenvolvimento da nossa luta. Dado o desenvolvimento da luta na Guiné, a experiência já adquirida; dado a situação em Cabo Verde; dado o descontentamento dos povos do continente africano; dada a existência de quadros no exterior; chegou a altura de tomar uma atitude decisiva em relação a Cabo Verde. Há que estudar todos os factores que dificultam ou facilitam a luta em Cabo Verde. É certo que

dos os elementos com que contamos, mas esta restrição implica todo esforço da nossa parte e espero que esse esforço seja frutífero".

" O problema de Cabo Verde tem sido sempre uma preocupação do Partido, mas chegou agora à fase mais decisiva, mais concreta".

A seguir, o camarada Silvino, depois de saudar os presentes, disse: - " Quero esclarecer os camaradas que estou disposto a dar tudo, resolvi nada decidir sozinho e deixar que o Partido escolha a tarefa que achar mais indicada para mim. Qualquer trabalho que se seja designado será efectuado com o maior empenho."

- AMILCAR- " Ouvimos as intervenções dos camaradas Aristides e Silvino. Proponho que a ordem do dia seja a seguinte:

- 1ª . O caso de Cabo Verde. Características.
- 2ª . A luta em Cabo Verde. Factores internos e externos.
- 3ª . Acção do Partido. Análise crítica.
- 4ª . A situação actual. Dados concretos.
- 5ª . Formas de luta possíveis. Luta armada.
- 6ª . Meios para o desenvolvimento da luta.
- 7ª . Tarefas imediatas. Designação de responsáveis para essas tarefas.

+

+ +

" E de grande utilidade ~~nos~~ analisarmos a situação concreta das ilhas de Cabo Verde. O Partido já fez isso, mas deve aproveitar esta oportunidade para a refazer e definir os elementos essenciais que caracterizam o Arquipélago. Seria incompleto se não incluíssemos a geografia, a população, a economia, a sociedade, a análise das classes, a cultura e a presença portuguesa. Parece-nos que se deve dar bastante atenção ao problema da terra e do salário. É necessário fazer girar a coisa em torno do problema da terra e do salário porque é o elemento que pode dinamizar a resolução do problema em Cabo Verde. Se há um problema para além do caso colonial, é o problema da terra e do salário.

Outro factor importante será uma breve referência às tradições de luta em Cabo Verde.

Temos de caracterizar os factores internos e externos da luta em Cabo Verde: Os factores internos contam muito em relação a Cabo Verde. Os factores externos contam muito

so de evitar os males das chuvas que podem vir a ser postas ao alcance de Cabo Verde, sem que para isso seja necessario realizar algum milagre. Nos anos em que chove em Cabo Verde a agricultura nao tira o suficiente. A area cultivada em Cabo Verde é relativamente pequena, mas pode ser alargada. Nas Lharas, até na area se fizeram coisas maravilhosas. Em S. Tiago quase toda a area é boa para o cultivo.

Em Cabo Verde o milho é a base da agricultura. A cultura do milho foi uma trágica a vençoes agricolas de Cabo Verde. Cabo Verde nao oferece as melhores condições para a cultura do milho, mas oferece-as sobretudo para as outras culturas; contudo, mesmo para o milho ha possibilidade de criar condições muito melhores do que as actuais. O milho pode ser de muita importancia, mas nao a base da agricultura.

Eu mesmo fiz uma experiencia com o milho em Cabo Verde e conclui que ha um determinado tipo de milho - o milho temperado - que produz ao fim de 60 dias em vez dos 120 necessarios para o que se cultiva normalmente. Isso dispensa, portanto, as chuvas da época de Outubro. Cabo Verde tem condições favoraveis para a cultura do milho. O milho de Angola tambem si se produz, embora em terreno especial. O certo é que nao houve um trabalho cientifico nesse sentido. Cabo Verde, como dissemos, ja é um pais agricola, que pode ser ainda agricola durante muito tempo. Cabo Verde livre tem mesmo de ser um pais agricola. Outras caracteristicas do ponto de vista economico sao as possibilidades que oferecem outras fontes de riqueza. Cabo Verde tem grandes riquezas nas suas minas. As possibilidades do turismo sao optimas. Tem excelentes aguas minerais. O sub-solo deve ser rico devido à composicao das aguas minerais. Uma outra riqueza é o sal e a peralana. Ha tambem riquezas ligadas a uma condição de origem vulcanica. Cabo Verde tem possibilidades de vida como pais independente.

Do ponto de vista do sub-solo existe um tabu. Basilar Bobiano deixa prever a existencia de pedras preciosas. Quanto ao petroleo, suspeita-se da sua existencia e houve mesmo tentativas que afirmaram que Cabo Verde faz parte duma zona petrolifera que se estende à Guiné e à Republica do Senegal (à costa do Senegal).

→ Vamos agora ver algumas caracteristicas da economia agraria.

Durante muito tempo reinou em Cabo Verde o sistema da morgadio. A economia agraria de S. Tiago nao é igual à de S. Nicolau. Em S. Tiago existiu o regime da grande propriedade.

Em S. Nicolau vingou o regime da pequena propriedade. Houve fatores de ordem étnica que tiveram influência nessa situação. A ilha de S. Tiago foi a primeira a ser povoada. É a mais extensa e aquela onde há maior percentagem de população negra. Em S. Nicolau a terra está muito dividida. Não há dependência de grandes massas rurais de uma só família. Em S. Tiago, quase metade daí lhe pertence à família Reis Borges. Em S. Tiago houve gerações que não conheciam os limites da sua propriedade.

Dentro desta sociedade temos de considerar como injusto o regime da parceria e do arrendamento. Temos de considerar que o caboverdeano tem sede de terra, do seu pedaço de terra para cultivar. Tanto o rendeiro como o parceiro tem a consciência de que são vítimas de uma injustiça. Toda essa economia está enquadrada e apoiada pelo sistema colonial. O caminho mais certo para virar o rendeiro ou o parceiro contra o colonialismo é lutar e defender a necessidade do seu pedaço de terra. Ele é uma vítima dessa situação económica. Se nos preocuparmos no problema da terra estamos a desviar-nos do problema colonial. Ele não tem terra porque existe um regime imposto pelo colonialismo que o priva disso. É preciso mostrar ao povo as realidades próximas que o ferem, porque nenhum povo luta contra ideias fantasma.

As vezes, põe-se o caboverdeano a trabalhar para ganhar uma caneca de cachupa. Quanto a isso é um caso concreto. Na Guiné é que deu resultado foi dizer-se ao povo: estão-vos a dar bofetadas, rebusam-vos com impostos. Depois, ligou-se toda esta situação ao colonialismo. Os povos lutam se por coisas reais e não abstractas. A realidade do caboverdeano é a falta de terra. Isto é um elemento dinamizador de luta.

O problema da Reforma Agrária tem de ser posto com cautela, porque, se por um lado, isso estimula os que não têm terra, desencoraja, por outro lado, os proprietários.

A pequena propriedade caracteriza também a Brava e o Fogo. As terras passam para a posse de outras pessoas, quer por herança, por acumulação de capital ou partilhas. Se compararmos com a Europa, verificamos que em Cabo Verde também houve uma evolução semelhante à desta no que respeita à conquista de terras por parte dos comerciantes (burguesia), que se compravam aos pequenos proprietários. No entanto, em Cabo Verde o fenómeno não teve um desenvolvimento tão grande. Estes comerciantes dispunham de grandes capitais, obtidos por acumulação. Inicialmente eram pequenos comerciantes. Anteriormente eram camponeses.

Hoje em dia, são a Caixa Económica e o Banco (Banco Nacional Ultramarino) que se apodemam das terras de grande propriedade e também das terras dos pequenos proprietários, formando também através destas, terras de grande propriedade.

O pequeno comerciante durante os anos bons comprava milho a 4\$00 e depois ia vender a 150\$00 a unidade. O emigrado, muitas vezes, também volta para comprar terra. Hoje a grande propriedade foi ultrapassada.

Vamos tirar da Caixa Económica e do Banco essas terras. Temos que garantir ao pequeno proprietário a sua terra. O Banco e Caixa Económica são duas instituições coloniais. Muitos nacionalistas viram com a ideia de aumentar e recuperar as suas terras. Com a posse pela Banco e pela Caixa das grandes propriedades é menor a contradição em relação aos grandes proprietários. O conflito entre o povo e os seus interesses e as destas grandes entidades coloniais exploradoras - Banco Nacional Ultramarino e Caixa - é o conflito principal.

Conclusões :

- 1 . Existência dum sistema agrário suportado pelo colonialismo, que pode apresentar-se ao povo como contrário aos seus interesses.
- 2 . Podemos prever contradições, mas não de grande envergadura.
- 3 . As grandes propriedades estão nas mãos do Banco Nacional Ultramarino e da Caixa Económica, que são entidades portuguesas (conflito principal).

Economia urbana

Vamos considerar dois tipos de actividades, dentro da economia urbana : privada e do Estado. As actividades privadas são: as das Companhias em S. Vicente, conserva de peixe, cigarros, porcelana, sabões, etc. Dentro desse campo interessa-nos ver que, seja qual for a actividade privada, ela está dependente de Portugal. Há uma dependência em relação à Metrópole. As conservas feitas em Cabo Verde trazem a marca " Made in Portugal". No quadro das actividades privadas interessa-nos sobretudo o trabalhador. Quanto às actividades públicas, são do domínio do Estado. Nessa economia de zona urbana a participação do Estado relaciona-se fundamentalmente com as obras públicas, o funcionalismo público e a indústria hoteleira. As actividades de outra natureza que não seja a agri-

cola são demasiadamente reduzidas para que nos possam causar serios problemas. Vamos ver no quadro das possibilidades económicas urbanas qual é o elemento importante para a luta. Para o camponês o seu desejo é ter um pedaço de terra. Para o homem da cidade o seu desejo é ter melhor salário. O salário é, portanto, um elemento importante para a luta. Devemos criar condições para que os salários sejam maiores. No plano da actividade do Estado temos um motivo válido muito importante para a luta que é a disparidade dos salários entre os caboverdeanos e europeus. Pedreiros portugueses ganham quatro vezes mais do que os caboverdeanos. No quadro do funcionalismo observamos que a grande massa tem a sua vida muito limitada. Muitos caboverdeanos passam toda a sua vida como aspirantes. A direcção geral nunca esteve nas mãos dos caboverdeanos. Os funcionarios caboverdeanos não podem ascender a posições. Estagem. Em relação à posição colonial, o problema principal é o salário. Há um direito a um salário justo. Verificamos que nas cidades os operários são jovens e estão ligados ao campo, sobretudo através de laços familiares. "

ABILIO - " Estou de acordo. O problema da terra é o problema essencial. Mas ao analisarmos os outros aspectos económicos encontramos o problema do salário e o problema da desigualdade de salários. Penso no problema dos desempregados. Há grande desemprego em Cabo Verde. O desemprego faz com que o operário esteja muito agarrado ao seu baixo salário. Acho que se deve dar uma importância primordial aos desempregados no trabalho de mobilização. "

AMILCAR - " O desempregado deve ser utilizado, mas devemos recorrer ao empregado. Não temos que basear a luta sobre os elementos activos da sociedade. Numa luta social é falso que o empregado possa desempenhar qualquer papel importante. Se podemos utilizar o desemprego numa luta de carácter primário, mas não devemos insistir muito nele porque, no futuro, pode criar-nos problemas se a promessa de trabalho não for satisfeita. Devemos servir-nos do desemprego para explicar que não foram criadas condições para que houvesse possibilidades de trabalho para todos. O essencial é o salário porque o trabalhador está ligado à produção. O aumento de salário é uma coisa concreta, sensível, que vai reflectir-se directamente na vida de uma pessoa. Mas o problema do desemprego não está totalmente desligado do problema do salário, na medida em que o desempregado pode ser considerado como trabalhador com o salário zero.

Nos, amanhã, após a independência garantimos condições de trabalho para todos, mas não po-

denos assegurar um emprego para toda a gente. Quem quiser trabalhar, se nao houver possibilidade de trabalho na cidade, deve ir para o campo."

QUESTAO SOCIAL

" Em Cabo Verde ha dois campos essenciais para classificar as classes, de interesses, no ponto de vista da luta - o campo e a cidade.

Ha que distinguir as ilhas agricolas das nao agricolas. No campo, temos que distinguir as ilhas de grande propriedade e as de pequena propriedade . Em S. Tiago encontramos os grandes proprietarios, donos da terra que nunca passaram fome, podem mandar os filhos à escola, que nao andam nus, gente que tem dinheiro para comprar remedios, gente, enfim, que tem boas relações com os colonialistas.

O pequeno proprietario faz ginastica para manter o seu dia a dia; é uma camada muito diversificada. Ha o pequeno proprietario que passa miséria, mas ha o pequeno proprietario que manda o filho estudar a S. Vicente e a Lisboa; que tem o seu trapicho. Ha o rendeiro e o parceiro. O parceiro tem uma posição acima da do rendeiro; ja se sente meio dono e ligado à terra. Temos o rendeiro que é a base da "çóia". É tambem aquela que, apesar de tudo esta em melhores condições para aceitar a posição do colonialista. O proletario rural é raro. O rendeiro, alem da renda, vende o seu trabalho. O dono da terra sentia-se com o direito de dispor do rendeiro como seu servo. Nao ha um assalariado agricola- trabalhador proletario que trabalha na terra e recebe um salario. O latifundiarie nao se preocupa com a terra. O latifundiarie nao ama a terra, ama o poder, a regalia que a terra lhe da. O pequeno proprietarie ama a terra que comprou com o dinheiro da América, com as suas economias ou adquiriu-a por herança. A terra para ele é tudo. O pequeno proprietario representa a pequena burguesia camponesa. É um individuo cheio de complexos.

O parceiro tem certo amor à terra. O parceiro tem uma posição acima do rendeiro. É um individuo que sonha com a propriedade. O parceiro esta muito ligado ao senhor. O rendeiro tem mais liberdade. O rendeiro caboverdeano é como que um servo que paga a renda. O rendeiro é um individuo que tem de se agarrar à terra, que se familiariza no ambiente da Casa Grande, mas nao tem amor à terra. O filho do rendeiro vai à escola mas nao se mantém ai. Ha que saber qual a posição dessa gente em relação ao colonialista e à nossa luta. Podemos comparar a estrutura do campo a uma piramide social em que o latifundiarie é o vertice e o rendeiro e o parceiro ocupam a base. Uma preocupação da nossa

luta deve ser a inversão dessa situação.

Uma das características da economia agrária em Cabo Verde é o carácter absentista do grande proprietário. Nas condições actuais, mesmo desaparecendo o latifundiário, a exploração continua porque os colonialistas o substituem. Hoje existe uma ligação íntima entre o latifundiário e o colonialista. O latifundiário é um dos sustentáculos do colonialismo português. Se destruímos os latifúndios desaparece o colonialismo. Do ponto de vista de exploração não há proporcionalidade no pagamento do imposto".

.....
.....

18-Julho-1963

SESSÃO DA COMISSÃO-

Estrutura social de Cabo Verde ao nível urbano

" A estrutura social de Cabo Verde ao nível urbano é muito parecida com a das outras colónias. Caracterize-se por:

- 1- Grande parte da população urbana é recentemente originária do campo
- 2- Uma parte mínima originária da Europa

Na cidade encontram-se, na pirâmide social :

- a) Altos funcionários
- b) De comerciantes e industriais, com uma certa fortuna
- c) Toda a gama dos empregados (públicos e comerciais) com a vida assegurada por um contrato
- d) De trabalhadores assalariados
- e) Toda a zona da gente desgreçada, sem trabalho, sem ganha-pão.

Se tirarmos os altos funcionários europeus e os empregados em geral (ponde-se à parte como classe colonial), não podemos falar ao nível urbano de uma burguesia nacional. Esta não existe. Há um grupo de gente que pode ser assim classificado (indivíduos com interesses na fábrica de tabaco, de sabão, os Neves, os Serban). Mas esses não chegam para formar uma classe porque na realidade são muito poucos.

Peço a opinião do Vasco sobre isso.

VASCO- " Acho que o problema do número não é essencial. O que conta, para os caracterizar, como classe é a sua posição relativamente aos outros. "

AMILCAR - " Ribeiro Neves, Serban, etc. são indivíduos que, do ponto de vista da produção, são burgueses. Têm capitais e empregam gente para trabalhar para eles. Mas pergunta-se se pode falar de uma classe burguesa em Cabo Verde. Ora, uma classe burguesa não se destrói matando três indivíduos. A meu ver, não se pode falar de uma classe burguesa em Cabo Verde, mas de certos indivíduos que vivem a vida de burgueses. Mas mesmo esses poucos estão ligados ao capital europeu. Se este se desliga dos Serban, Almeida, etc., eles não vão lá. // Portanto, não é o resultado de uma acumulação de capital local que permite a esses indivíduos explorar. Eles não são mais do que a intrusão da burguesia portuguesa em Cabo Verde.

Estou convencido de que não podemos ignorar no espírito desta gente sentimentos nacionalistas, até porque alguns prevêm que taxiam tudo nas mãos de país de independência. Verdadeiramente essa gente luta pela defesa dos seus interesses. Foi assim que Raul Ribeiro (fabrica de tabacos) combateu a adjacência e o estatuto colonial, defendendo para Cabo Verde um estatuto especial. Jonas Wanhon revela sentimentos nacionalistas: pretende o monopólio da bolacha em Cabo Verde. A independência liberta-la-ia da concorrência portuguesa. A rixa que há por causa do tabaco é reveladora de um conflito entre essa camada burguesa e a burguesia portuguesa.

A seguir vêm os empregados, os indivíduos de profissões liberais, etc.

Essa gente é nitidamente uma pequena burguesia que forma uma maioria. É ambiciosa. Caracteriza-se por uma série de preconceitos e hesita diante de qualquer transformação: essa gente tem necessidade de defender a sua posição. Há a considerar dois tipos:

- a) a pequena burguesia conservadora
- b) a pequena burguesia inconformista

É no seio desta última que podem surgir elementos revolucionários, elementos que desejam a mudança das coisas, identificar os seus interesses com os das massas.

Em geral, a pequena burguesia aspira à riqueza alta, é gente que se sente diminuída em relação aos que estão acima superior aos que estão abaixo. Muitos pequenos burgueses são originários das massas. Mas, chegados à sua posição, desconhecem os pais, afastando-se da família. Coisa semelhante acontece na Guiné e em Angola. Indivíduos que desconhecem a mãe de panos, quando fazem estudos.

Dentro da pequena burguesia caboverdeana ha uma parte que vive de vencimentos razoaveis; os individuos que exercem uma profissao liberal (medicos, advogados) os funcionarios acima de 2ª oficial, os chefes de estacao, os directores de escolas primarias, etc.). Mas esses mesmos sentem que a posicao do europeu esta acima ainda que estejam em melhor posicao funcional. Assim é que um bom mecanico europeu (Pires, Manuel Joaquin, etc.) convive com advogados e medicos caboverdeanos. "

ABILIO- "Em S. Vicente entra no Grémio qualquer europeu. Mas entre os caboverdeanos fazem a selecção. "

AMILCAR - " Tudo isto demonstra que a classe dominante em Cabo Verde é a classe salarial. Na analise do Partido, a burguesia que explora as colonias é uma burguesia autenta, esta em Portugal. Nas colonias têm os seus representantes: Governadores, tropas, etc. Isso dá-nos a certeza de que a luta social em Cabo Verde coincide com a luta nacional. Derrubando-se essa burguesia consegue-se libertar Cabo Verde nacional e socialmente. Na pequena burguesia ha uma facção que sente que é explorada. É a pequena burguesia inconformista. É daí que sai muita gente para as outras colonias, que pede transferências. Essa facção sente que têm muita gente acima e oprimi-la. Sonha com um carro, uma geladeira, um relógio, etc. Este portanto insatisfeito. Todos os meses faz uma tremenda ginastica para viver. E o alimento que, no seu drama de insatisfação vira os olhos para o povo, vê as massas, procura identificar-se com elas e exprimi-la. É exactamente nessa pequena burguesia que se enc encontra a possibilidade de contacto com o mundo. Depois encontramos os trabalhadores assalariados. Não podemos falar de um proletariado caboverdeano. Em Cabo Verde não existem industrias suficientemente desenvolvidas para dar lugar a uma classe proletaria. As Companhias, as fabricas de tabaco, de sabão, de conservas, etc. empregam muita gente que vende a sua força de trabalho. Têm portanto proletarios. Mas não ha uma classe proletaria com consciência da sua existência. Além disso, ha um desequilibrio, ha um permanente subemprego. Lembro-me de que na fabrica de conservas, se vinha pescando, trabalhava-se por \$50 a hora. A fabrica fechava de vez em quando. Havia, portanto, individuos que aí trabalhavam, vendiam o seu trabalho mas quando havia possibilidade de trabalhar.

Estou convencido de que nessa camada social se encontra o maior inconformismo, o maior

desejo de transformar as coisas. É raro encontrar-se um empregado do Manuel de Almeida que não deteste o Manuel de Almeida. Em Cabo Verde a exploração é tão dura que, salvo talvez o capataz, tudo é contra. Mas, sabendo nos que essas indústrias miseráveis não são mais do que o prolongamento do capital metropolitano, essa gente lutando contra os empregados luta contra o colonialismo. Além disso, há outra camada: desempregados, pedintes, pessoas de vida fácil, que formam a camada mais baixa da população.

Mas verifica-se que se, por exemplo, uma prostituta se faz amante de um funcionário com certa categoria, passara a ocupar uma posição superior às outras da camada a que pertencia, sobe de classe, passa a conviver com gente boa da terra. Isso também mostra o carácter colonial de Cabo Verde, como aliás da Guiné.

Ainda se vê que, desde que o pai europeu, ainda que de baixa categoria, tome o filho que teve, esse filho sobe.

Vistos assim estes diversos grupos sociais, vale a pena relacioná-los com as características étnicas. No campo, dizíamos: há donos da terra (brancos), pequenos proprietários, parceiros e rendeiros. Em S. Tiago não me lembro de parceiro ou rendeiro que não fosse preto. Entre os pequenos proprietários há alguns pretos, mas a maioria é constituída por descendentes de brancos. Mesmo em S. Tiago, onde a maioria é preta. Nas outras ilhas a situação do preto é ainda pior. No Fogo, sabemos que até há bem pouco tempo, há uns 20 ou 25 anos atrás, só os brancos eram proprietários. As crises, a falta de valor dos filhos brancos (tarados), alteraram a situação, havendo mulatos que tomaram conta das riquezas.

Na cidade, quem são os caboverdeanos com dinheiro? Passam todos por brancos. Têm ascendentes pretos, mas não querem ser tidos como negros. No seio da pequena burguesia a grande parte é formada por mestiços. A massa trabalhadora é preta. Portanto, longe do que muita gente supõe há em Cabo Verde uma coincidência das barreiras de classe com as barreiras raciais. Tal como acontece na Guiné, o africano é em Cabo Verde, explorado e não ocupa senão as posições mais baixas."

.....)))).....

PRESENCIA PORTUGUESA

* Pela nossa análise conclui-se que o português é o elemento dominante. A própria situação jurídica